



COMITÉ REGIONAL AFRICANO

ORIGINAL: INGLÊS

Sexagésima quarta sessão

Cotonou, República do Benim, 3–7 de Novembro de 2014

**DISCURSO DA DRA MARGARET CHAN, DIRECTORA-GERAL DA OMS POR
OCASIÃO DA ABERTURA DA 64ª SESSÃO DO
COMITÉ REGIONAL AFRICANO DA OMS**

- Excelências,
- Ilustres ministros,
- Distintos delegados,
- Representantes da União Africana,
- Dr. Sambo,
- Minhas senhoras e meus senhores,

Muitos especialistas e analistas externos acreditam que África está numa encruzilhada.

No momento em que vos falo, África mostra ao mundo duas importantes faces públicas, que são extremamente diferentes.

Uma face mostra uma África a crescer, a passar por uma transformação económica e social sem paralelo em qualquer outra região do mundo, em qualquer momento da história recente.

Esta é a face que apresenta os abundantes recursos naturais de África, as suas populações cada vez mais instruídas, pacíficas e saudáveis, e a resiliência, a criatividade e a inesgotável energia da Região.

Esta é a face dos começos: de prosperidade, de bem-estar e de um futuro saudável.

Mas este futuro será brilhante se os governos tiverem como objectivo político explícito a distribuição equitativa dos recursos.

O último Painel e Relatório sobre os Progressos registados em África, chefiado por Kofi Annan, diz o seguinte:

“A medida última do progresso em África não se encontra nos números do PIB e nas taxas de crescimento, mas no bem-estar das pessoas e nas perspectivas que lhes permitam mudar as suas vidas.”

Como todos sabem, grande parte do crescimento de África concentrou-se em sectores, nomeadamente no das minas e do petróleo, que favorecem a elite mas contribuem pouco para melhorar as condições de vida e o estado de saúde nas áreas rurais, onde reside a maior parte dos pobres e doentes.

Todas as nações beneficiam de uma África que seja próspera, estável e justa.

Esta opinião foi sublinhada em Setembro, durante uma sessão de emergência do Conselho de Segurança da ONU, que considerou os surtos de Ébola na África Ocidental como uma ameaça à segurança internacional.

Na Guiné, na Libéria e na Serra Leoa, o Ébola fez regredir a estabilidade política e a recuperação económica conseguidas com muito esforço, e está a inverter alguns importantes ganhos recentes registados ao nível dos resultados na área da saúde.

Vou dar-vos apenas um dado estatístico para meditemos.

Em 2012, a OMS estimou que um total de 21 000 pessoas, das quais 95% eram crianças, tenha perdido a vida nos três países afectados da África Ocidental.

Este número revela uma considerável melhoria em comparação com os 34 000 óbitos previstos para 2000.

Esta é apenas uma das muitas tendências positivas que agora estão ameaçadas.

Minhas senhoras e meus senhores,

O surto de Ébola, que está a assolar partes da África Ocidental, é a mais grave emergência de saúde pública dos tempos modernos.

Tem muitas dimensões sem precedentes, nomeadamente as pesadas baixas ao nível dos profissionais de saúde que trabalham directamente com as populações.

Apresento as minhas mais sentidas condolências às populações da África Ocidental que viram muitos dos seus concidadãos adoecer e morrer.

As minhas condolências são extensivas às famílias, parentes, vizinhos e a todas as aldeias e comunidades.

Posso dizer-vos uma coisa: cada um destes cidadãos da África Ocidental que morreu de Ébola era amado.

Todos nós devemos respeitar o sacrifício e a coragem de tantos profissionais de saúde que, de forma altruísta, arriscaram e perderam as suas vidas.

Os três países perderam alguns dos seus maiores heróis humanitários.

No meio destas tendências alarmantes, duas lutas da OMS que foram ignoradas durante décadas estão agora presentes, com consequências que todo o mundo pode ver, todos os dias, nas notícias televisivas em horário nobre.

A primeira diz respeito à necessidade urgente de se reforçar os sistemas sanitários há muito negligenciados, uma causa que o vosso Director Regional tem defendido há muito tempo.

Quando Chefes de Estado de países não afectados falam do Ébola, eles correctamente atribuem a gravidade sem precedentes do surto ao facto de “não terem sido criadas infra-estruturas básicas de saúde pública.”

Sem a existência de infra-estruturas fundamentais de saúde pública, nenhum país é estável; nenhuma sociedade está segura.

Não há resiliência capaz de suportar os choques cada vez maiores e mais frequentes que as nossas sociedades provocam, sejam eles alterações climáticas ou a propagação descontrolada de um vírus mortal.

A segunda luta é a seguinte:

O Ébola surgiu há quase quatro décadas. Porque é que os médicos ainda estão de mãos vazias, sem vacinas nem cura?

Porque, historicamente, o Ébola tem-se limitado a países africanos pobres.

A iniciativa de investigação e desenvolvimento é praticamente inexistente. Um sector motivado por fins lucrativos não investe em produtos para mercados que não conseguem comprá-los.

Há anos que a OMS tem tentado realçar este problema. Agora as pessoas podem ver por elas próprias.

Senhoras e Senhores,

Vou recorrer a um correspondente médico africano para falar das duas faces da África de hoje.

Ele escreveu, de forma eloquente, sobre a forma como surtos de doenças, como o Ébola, dão uma enorme visibilidade aos sistemas de saúde negligenciados e às populações carenciadas de África.

Ele fala da importância que a recente transformação económica teve na reputação internacional de África como um continente de esperança.

Mas ele segue logo com uma pergunta sobre isso. “De que é que serve”, pergunta ele, “pintar o tecto da sua casa com tinta dourada quando as paredes e as fundações têm fendas?”

Termino aqui os meus comentários sobre o Ébola.

Vós tendes uma agenda pesada a cumprir. Precisam aprovar um plano regional estratégico de vacinação, com metas muito ambiciosas.

Como o resto do mundo, vão passar dos Objectivos de Desenvolvimento do Milénio para uma agenda de desenvolvimento pós-2015.

África precisa adaptar esta agenda à sua realidade. Para ser franca, esta Região sofreu no passado devido a maus conselhos sobre desenvolvimento. As soluções futuras para os problemas da África devem ser unicamente africanas.

No passado, a África avançou em sintonia com as prioridades e estratégias definidas por iniciativas mundiais de saúde, e nem sempre definidas pelos vossos próprios governos e necessidades sanitárias.

Agora, África tem de liderar.

Em Abril, os ministros africanos da saúde, no seu encontro de Luanda, aprovaram a cobertura universal de saúde como forma de alcançar e manter os ODM relativos à saúde e considerá-la uma parte essencial da agenda de desenvolvimento pós-2015.

É isso que quero dizer com liderança.

De entre os pontos da vossa agenda, está a eleição do vosso próximo Director Regional.

Agradeço ao Dr. Luis Sambo pelos anos de dedicação à OMS e à saúde do povo africano.

Obrigada.